

POVO ALGARVIO

SEMÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 13 — TAVIRA — Telefone 127

DIRECTOR

ISIDORO MANUEL PIRES

ASSINATURAS

Série de 10 números—No concelho de Tavira. . . 8400
. . . 10 . . . —Para outras localidades. 9500
Composição e Impressão
Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

AVENÇA

Caridade Cristã



ESPALHAM-SE por todas as terras de Portugal, numa afirmação de pura caridade cristã e de sentimento humanitário, as manifestações de bem fazer, espedalhadas nos cortejos de oferendas em benefício das Misericórdias.

A revivescência desta tradição deve-se, em grande parte, ao Governo da Nação, que a recordou e que foi e é estímulo permanente de uma tal acção, comparecendo directamente ou por delegação a estes actos e contribuindo também com a sua quota-parte, como a significar o sentimento comum que une governantes e governados, todos empenhados em secundar a acção eficiente das instituições que a Rainha D. Leonor criou e que ofereceu aos sentimentos de amor do próximo e da caridade cristã do povo português.

E o povo, reintegrado na tradição nacional por força dos princípios orgânicos do Estado, voltou a dar alento a essas instituições, manifestando as mesmas virtudes de outrora.

Há nos cortejos de oferendas que se realizam por todo o país a nota sã de uma afirmação de virtudes rãicas e, ao mesmo tempo, um valor material que permite desenvolver uma acção mais vasta, mais eficiente, mais ampla das Misericórdias.

E não podemos separá-las, nem podemos afirmar qual delas será mais importante, se o valor da oferta de cada um, se o significado do acto, notando-se que os pobres também ocorrem com o seu óbulo, a testemunhar as mesmas virtudes dos ricos e a mesma compreensão de todos. A benemerência da população não tem limites espirituais; ela está inteiramente com acto que se realiza.

Ao mesmo tempo, torna-se notada a forma como se dá; o cortejo é uma manifestação de vida regional, quadro de riquezas materiais e espirituais a testemunhar actividades e a denunciar virtudes. Ele é nota alegre nos seus cantares e nas suas danças típicas, nota de alegria do povo que sabe ser feliz quando sente o significado caritativo do acto que realiza e a importância desse mesmo acto que irá minorar dores alheias, salvar vidas, proporcionar a tantos, o relativo bem estar na velhice ou a melhor condução para a vida dos que se albergam em asilos anexos às prestimosas Misericórdias.

E. P.

Observatórios Algarvios

Estradas algarvias; impressões de Albu-

feira, o túnel que atrai o turista e o «tu-

(III) rismo» que não atrai o turista; Faro: a

sua feira, o Liceu e a graça da Casa do

Poeta; uma camionagem que não satisfaz.

FARO — Feira de Santa Iria! Mais um ano que eu a vejo. Conheço-a há cinquenta anos a esta parte; desde quando ela atravancava os Largos do Pé da Cruz e Brites d'Almeida; se estendia por largas e estreitas ruas mais e asfixiava os mimos da mourisca Alameda; desde quando tudo era apertado, pequeno, disperso e indisciplinado para conter tão vastas manobras de actividades comerciais e recreativas. Mas, hoje, na enorme vastidão do curioso Largo de S. Francisco, ela, embora ainda não esteja à altura de uma disciplina que a categoria da cidade e da época exigem; embora não seja uma feira popular ao nível e categoria da de Lisboa e de outros centros de destaque; todavia, apresenta um pouco mais de modernismo e melhor dispo-

Por PEDRO DE FREITAS

sição do que era antigamente. A central avenida de que dispõe é a artéria sala de visitas, onde milhares de pessoas passeiam e onde a mocidade mira e remira os bonitos figurinos que as simpáticas algarvias por ali apresentam; exibem-se mesmo num anseio de disputa ou conquista dos rapazes de bigodinhos à cinéfilo. E' bem a nota domi-

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

Engenheiro Duarte Pacheco

No dia 16 do corrente, passou mais um aniversário do falecimento do grande estadista.

Foi numa curva traiçoeira da estrada, que o inteligente Minis-



tro e algarvio ilustre encontrou a morte.

A sua inteligência e o seu dinamismo ainda estão gravados na memória dos portugueses.

Há 7 anos que a Nação se enlutou com a perda de um dos seus mais fiéis servidores.

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

Efemérides Portuguesas

GONÇALO Anes Bandarra é o nome dum poeta popular, celeberrimo pelas suas trovas proféticas, ainda hoje conhecido na memória do povo, apesar de morto há mais de quatrocentos anos.

Nasceu Bandarra na vila de Trancoso, pelos anos de 1500, como se depreende dum processo inquisitorial que lhe diz respeito. Foi rico, ou pelo menos abastado, mas, perdida a fortuna, «para acudir à sua pobreza tomou o officio de sapateiro de correia.» Em Trancoso compôs as suas primeiras trovas, que muito agradavam aos judeus, ao tempo em maré de perseguição. Parece que, embora alguns o tenham dado como analfabeto, era muito versado na Escritura do *Velho Testamento*, que a seu modo interpretava e explicava. Em 1531, veio pela primeira vez a Lisboa, onde foi hóspede de João de Bilbis e onde João Lopes Caixeiro lhe pediu explicação das suas trovas. Em 1537, já outra vez em Trancoso, procurou-o Heitor Lopes e ofereceu-lhe mandar trasladar o livro das trovas que já estava velho e rasgado. No ano seguinte, foi visitado por um homem da Covilhã, Vargas de apelido, que com ele queria argumentar sobre os textos bíblicos. Insistentemente lhe pediam a interpretação das suas trovas. Era também muito consultado em cartas, sendo bastante curiosa uma dum tal Travassos, em que este pede a Bandarra a sua opinião sobre os versículos do *Livro de Job*, XL, 20, 24. A Inquisição, vendo o alvoroço em que Bandarra trazia as gentes e suscitando do seu entendimento

com judeus, instaurou-lhe processo, de cujas arguições se defendeu negando o trato intimo com hebreus e afirmando que, apesar de muito pobre, rejeitara sempre os benefícios que lhe haviam sido várias vezes oferecidos para que explicasse a Bíblia em face da antiga lei.

O Santo officio pareceu satisfeito com as razões do profeta, que ficou quite só com o entrar na procissão do auto de fé de 23 de Outubro de 1541, e prestar, de cirio em punho, um juramento pelo qual se comprometteria a nunca mais interpretar os sagrados textos. A vida histórica de Bandarra termina com este episodio. Deve ter falecido em Trancoso, terra da sua naturalidade.

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

O VERBO CANTAR

Artigo de GUERRA JUNQUEIRO

O VERBO cantar é um dos filhos radiantes do verbo supremo, do verbo eterno, do verbo divino e criador, que é o verbo amar.

Cantar é pôr os sons em harmonia, torná-los amigos, parentes próximos, irmãos devotados e inseparáveis. Cantar é moralizar o som. Os sons discordes significam egoísmos, desunião, lutas, violências, ódios, hostilidades. Os sons acordes realizam paz, aliança, carinho, virtude, abnegação, amor. Quando os sons reciprocamente se esti-

mam, dizemos que se casam. E' a verdade.

O piano, o violino, o órgão. No piano, as notas são articuladas, há um salto de nota para nota. Há contiguidade, não continuidade. De nota a nota há um interstício, uma lacuna. Cada uma delas não perdeu por completo a sua autonomia, o seu egoísmo. No órgão ou na rabeça as notas são contínuas, fundem-se, convivem mais, porque cada uma sacrifica, por amor a

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

Por esse Mundo fora...

A primeira nação da O.N.U. a enviar um representante diplomático para a Espanha foi a Turquia, nomeando embaixador o seu antigo ministro em Madrid. Também as Filipinas e a Bélgica, para já, vão enviar representações diplomáticas ao país injustamente afastado das Nações Unidas desde 1946, constando que o representante belga será o secretário do Rei Leopoldo, Jacques Pirenne.

As recentes eleições nos Estados Unidos deram um êxito inesperado ao Partido Republicano que, como se sabe, constituiu a oposição. Assim, no Senado foram eleitos 49 democráticos (governamentais) contra 47 republicanos; na Câmara dos Representantes 232 democráticos contra 199 republicanos e nos governos dos Estados, agora eleitos, 18 republicanos contra 10 democráticos.

Constituiu grandiosa manifestação de pesar o funeral do Rei Gustavo V da Suécia, no qual desfilou perante milhares de pessoas, tendo se nele incorporado três Chefes de Estado, vários príncipes herdeiros e representantes de quarenta e quatro nações, dentre as quais a Argentina, a Austria, o Brasil, o Canadá, o Egipto, a França, a Grécia, a Santa Sé, a Índia, Israel, a Polónia, Portugal, a Turquia e a União Soviética.

Por 51 votos contra 5 e 2 abstenções, a Comissão Política da Organização das Nações Unidas aprovou uma proposta jugoslava tendente a definir o Estado agressor. A proposta compõe-se de duas partes e considera-se Estado agressor o que se recuse a determinar a ordem de cessar fogo dada pela Assembleia Geral das Nações Unidas ou pela comissão competente da mesma Organização.

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

O Problema do LEITE

Anomalias na condução e venda pelas estradas

CONDUÇÃO e venda do leite pelas estradas e outros caminhos é um dos problemas mais sérios e complexos que existe no tocante a higiene, por trazer grave perigo para a saúde pública.

Tomamos para exemplo o que se passa nas estradas de Loulé para S. Brás de Alportel, para Alcanil e para Santa Bárbara de Nexe, todas elas grandemente povoadas — principalmente a primeira — por ser a que de mais perto conhecemos.

Na campanha necessária e útil que vamos compreender não nos move outro objectivo que não seja zelar pelo interesse público, na nossa qualidade de jornalista, como sempre o temos feito, não olhando a amigos nem aos detractores que nos enviam cartas anónimas, pois a nossa pena teve sempre por norma elogiar ou atacar com sobriedade quem o merece e sem a mais ténue sombra de hipérbole, cónscios do cumprimento do nosso dever.

Temos conhecimento de que o leiteiro louletano Manuel Pires, de quem já defendemos os seus direitos em paralelo aos do público, continua actuando fora da lei, em prejuizo da saúde pública, para o qual chamamos a atenção

(CONCLUI NA 4.ª PÁGINA)

CARLOS PICOITO

ADVOGADO

Avenida da Republica, 120-122

TELEFONE 128

FARO

Consultas em Tavira, às quintas-feiras, no escritório do sollicitador Carmo Peres

ARTISTAS CONSAGRADOS

falam a «Povo Algarvio»

EDITE CRUZ

NO «Manfredo» de Byron (II acto), pergunta a Fada dos Alpes ao solitário dos Bosques—Manfredo:

«—Que queres de mim?»

E esse homem invulgar, símbolo do génio—essência humana ferido por um raio de eterna luz ansioso de infinito, lhe respondeu: «—Contemplanos tua beleza e nada mais...»

Como os jovens espartanas que nos ginásios helénicos se exercitavam, levemente vestidos, na corrida, no salto, nos coros e bailados podendo admirar-se, como admirou Aristóteles, sua carnção florescente, seu vigor, impecável linha, esbelteza e graciosidade, assim nós quisemos ver, naquela noite de 8 de Outubro a rainha lusa do bailado em patins—Edite Cruz. Uma multidão que se comprimia no Parque Municipal, pronta a distender-se numa explosão de aplausos, parecia responder connosco, à pergunta que a Edite poderia fazer como a Fada dos Alpes: «queremos contemplar tua beleza e nada mais...»

Essa noite tépida, cheia do mistério que lhe davam as penumbbras, desenhadas pela luz astral, caía mansamente sobre o rectângulo do Parque, onde ao som caprichoso da ópera e do fado, serpenteava Edite, procurando materializar pelo movimento e expressão, ideias e sentimentos, ocultos no ritmo avassalador da música... Arrastados pela vida vaporosa, umas vezes suave e carinhosa como as ondas dum mar tranquilo, outras ardente e irrequieta como o fervilhar das vagas dum oceano revoltado, a vida dessas pernas elegantes, nos quedamos absortos repetindo: «queremos contemplar tua beleza e nada mais...» E para que as minhas leitoras e leitores se não intriguem comigo, perguntando-me se isto é crítica, poesia ou entrevista, eu lhes respondo que, embora junto de Edite as três coisas se não consigam separar, eu os vou pôr em contacto directo com essa menina de 17 anos.

Edite, ostenta no peito as insignias do Benfica e da Académica: é estudante e o seu talento se desenvolveu à sombra do grande clube encarnado.

—Pertence ao Benfica, estou vendo... Pode dizer-nos a razão da sua escolha?...

—Desde os 3 anos que pertenço a este clube, onde fazia ginástica, sob a direcção do Cap. António de Noronha. Aos 9 anos, fui inscrita na Federação de Patinagem como representante do Sport Lisboa e Benfica.

—Como começou então sua vida artístico-desportiva?...

Nisto, seu pai, que se encontrava a nosso lado, esclareceu prontamente:

—Um dia, na Costa da Caparica, tendo 9 anos, se pôs brincando com uns patins; 15 dias depois, entrava numa Gincana, obtendo o 1.º prémio! Patinou em 1941 para o Socorro do Inverno e Socorro Social.

—Enfim, os artistas nascem, não se fazem... exclamei.

E tem viajado pelo estrangeiro, Edite?...

—Sim, diz-nos com extrema simplicidade. Estive na Suíça em 1948 nos Campeonatos do Mundo de Oquei, exibindo-me com patins de duas rodas apenas (invenção de meu pai...), únicos em Portugal...

De repente, Edite cala-se. Mas o pai descobre assim a modestia da filha: —Triunfou entre 11 italianas, 3 suíças e 2 inglesas.

Depois disso, esteve também em França, onde foi muito aplaudida...

—Queira escrever, interveio a Artista, que devo meus triunfos às explicações que me tem dado o sr. Eng.º Cerqueira Lima...

—Muito bem... Você sabe mostrar-se grata... E diga-nos

por M. C. da Silva

agora quais as suas paixões, além dos patins?...

—Pertencço a Lisboa-Ginásio, onde me dedico à ginástica aplicada; brevemente, ingressarei numa equipa feminina de basquetebol e também estudo ballet e vãos à Leotard.

—E o cinema, o cinema?...

Oh! sim. Adoro o cinema. Sou admiradora de Sonja Henie e confesso-lhe que não me importaria de vir a filmar...

E, agora, eu pergunto: porque não aproveitamos os Estúdios Nacionais o talento incontestável desta pequena rainha, para nos oferecer os filmes ou documentário de patinagem artística? E porque não pensa ainda o clube Benfiquista em mandar Edite para o estrangeiro especializar-se, visto que é também incontestável que ainda não atingiu aquela forma que a poderá fazer vedeta internacional? Todos ganharíamos com isso: ela, que bem o merece, o clube e Portugal. Os amantes do belo não podem fechar os olhos ante a realidade: Edite tem uma grande intuição artística e musical, tem ginástica, elegância, talento, e digamos mesmo num desabafo moderno: «sex-appeal»...

Edite, daqui lhe enviamos nossos votos de muitos triunfos e felicidades. Não poderemos esquecer aquela noite bela, aquele rink, aquela figura bailando sob aquelas estrelas que se não apagaram, mesmo quando, já quase no fim, a luz eléctrica se finou!...

Aquele barca vai só...

Para RAUL LINS, director da revista pernambucana «Luar do Norte», com estima

Aquele barca vai só,
ouvindo, no seu cordame,
um vento amigo cantar...
Vai andando
e vai traçando
um risco branco de giz
nas águas azuis do mar...

Aquele barca vai só...
Anda só, sempre que quer...
Vai entertida,
esquecida
desse mar que a rodeia
Tem caprichos de mulher...

Aquele barca vai só,
nesse deserto salgado...
Nessa solidão azul...
Com todo o pano enfunado,
vai demandando outros mares...

Quer enfeitar-se de pérolas...
Carregar-se de corais...
Quer sentir bem a emoção
desses adeuses sem fim
de saudosos coqueiros...
E quer deixar-se beijar
por aquele Sol ardente
Que habita lá para o Sul...
Deseja ser cortejada
pelos bandos de albatrozes
em sua volta, a adejar...
E entregar-se abandonada,
nos braços dum outro mar...

Aquele barca vai só...
No seu constante vai-vem,
nem sabe bem o que quer...
Só deseja o que não tem...
Tem caprichos de mulher...

Aquele barca vai só,
ouvindo, no seu cordame,
um Vento amigo cantar...
Vai andando
e vai traçando
um risco branco de giz
nas águas azuis do mar...

HERNANI DE LENCASTRE

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

CARTAS

a uma gentil balsense

8.ª Carta

Balsense, como é óbvio, quer dizer natural de Balsa. Balsa foi a velha cidade romana que, durante, muito tempo, supôs-se ser a ascendente da nossa Tavira. Recentemente, estudos arqueológicos concluíram que Balsa devia ter assentado em terrenos ocupados agora por duas quintas da freguesia da Luz e, portanto, distanciada de Tavira, uma légua, aproximadamente. Mas, por tradição (e a diferença não é grande...), nós somos balsenses. Eis a razão do título destas despreziosas cartas...

... Cartas que ultimamente têm tomado o aspecto de conselhos, o que decerto V., Ivone, não levará a mal, dada que entre as nossas idades existe mais de uma dezena de anos, o que me pode dar um carácter paternal. Assim, hoje vou permitir-me aconselhá-la ou melhor, ministrá-lhe alguns ensinamentos que, creio, lhe serão úteis, bem como a grande parte das leitoras do «Povo Algarvio»; e, destas cartas, penso devem-lhes ter servido de algo de utilidade. De resto, é essa a única intenção desta epistolografia que tem tido tão boa hospitalidade dos amigos Irmãos Pires.

Qualquer dança pode ser executada correctamente. Mesmo as mais modernas têm os seus limites; e, assim, qualquer rapariga pode recusar (pode e deve) dançar de novo com um par, cuja conversa ou atitudes lhe desagradaram. Há, todavia, que, salvo raras excepções e nos casos de força maior ou de ostensiva incorrecção, proceder discretamente. Nestas condições, não é aconselhável interromper uma música, mas sim resignar-se e esperar que o par em causa de novo a convide para então declinar o convite, mas sem dizer o motivo.

V. sabia que era assim que se deve proceder? Talvez sim e talvez não. De resto, estas cartas, dirigidas especialmente para si, pertencem a todas as gentis balsenses; e, dentre elas, muitas seriam capazes de proceder de maneira diferente. Seria sempre desagradável, e sempre desagradável dar nas vistas. Bem sei que as acções ficam com quem as pratica (e neste caso, o visado era o rapaz incorrecto), mas, podendo-se evitar determinadas cenas em público, é preferível. Porque sempre há pessoas malévolas e que não sabem interpretar atitudes, antes as deturpam.

facinto

Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—D. Irene da Conceição Pereira, srs. José Maria dos Santos Júnior e Gilberto Costa.

Em 20—D. Maria Gabriela Padinha Contreiras e menina Maria Ribeiro Rosa.

Em 21—Sr. António José Correia.

Em 22—D. Maria Cecília Arriegas Bento e Clarice Palma Vaz.

Em 23—Sr. Alfredo Augusto Baptista Peres.

Em 24—Srs. João da Cruz, Avelino João da Cruz e João Chagas das Neves.

Em 25—Sr. Manuel dos Santos Prado.

Partidas e Chegadas

Com sua esposa sr.ª D. Ilda de Campos Cansado, retirou, para a sua casa de Lisboa, o sr. Coronel Jaime Pires Cansado, nosso prezado assinante.

—Com sua esposa, encontra-se em Cabanas o nosso assinante sr. Virgílio Pires, Construtor Civil.

Necrologia

Faleceu em Faro, onde residia há muitos anos, o sr. Dr. Cândido Emílio de Sousa, de 73 anos, natural de Mirandela.

Era pai da sr.ª D. Maria Isabel Gomes de Sousa e dos srs. Dr. Cândido Gaston de Sousa e António Gaston de Sousa, e irmão do sr. Dr. António Francisco de Sousa, residente em Lisboa.

Faleceu em Lisboa a sr.ª D. Maria da Conceição Fernandes, natural de Tavira.

Em Lisboa, também faleceu o sr. José Correia Dourado, de 58 anos, natural de Castro Marim.

(Cartas de Portugal 21)

"ESTA LISBOA..."

DE ANTERO NOBRE

(Continuação do número 853)

Mas dêste miradouro sem rival, abranjo também, quasi de um só golpe de vista, toda a cidade e identifico sem esforço, apesar da distância, os monumentos que melhor a caracterizam e representam a sua história gloriosa, que é, afinal, a verdadeira «espuma» da História Pátria: além está, no alto da colina-mãe da cidade, o velho Castelo de S. Jorge, de silhueta tão bela e tão característica, dominando a urbe com a sua sombra protectora; mais em baixo, a majestosa Sé românica ergue os seus muros ameitados acima do casario e recorda, com toda uma teoria de bispos célebres e de alguns santos, que ajudaram a construir a Pátria e a formar-lhe a alma, a magnificência do Patriarcado de Lisboa, que é um dos padrões do nosso esplendor; a seguir, S. Vicente, imponente nas suas elegantíssimas torres barrocas e na sua fachada de sóbria grandiosidade, lembram-nos o mártir Padroeiro da capital e os túmulos dos nossos últimos Reis, a que serve de Panteão; do outro lado, os Jerónimos, projectando os seus corucheus rendilhados nas águas do Tejo, perpetuam na memória dos tempos a derrota esplêndida e clamorosa do «Velho do Restelo» e o triunfo do espírito missionário da raça, e assinalam, na exuberância «manuelina» dos seus brinços de arte, o universalismo do génio português; mais lá, mergulhando os pés nas águas de onde partiram as caravelas da índia e do Novo Mundo, a Torre de Belém, joia maravilhosa de arquitectura militar portuguesa de Quinhentos, deslumbra com a sua silhueta e os seus rendilhados quantos, vindos das lonjuras atlânticas, entram no estuário grandioso; para a esquerda ali temos a Basílica da Estrela, com o seu zimbório imponente sobressaindo do tufo de verdura de um dos mais belos e mais característicos jardins lisboetas, e aqui, à direita, quasi aos nossos pés, o Palácio Real, da Ajuda, certamente o maior e o mais belo da capital, espera que as providências municipais o desafrontem do casario pobre e meio derruído que o cerca; da banda do rio, lá está ainda o Terreiro do Paço, com as suas arcadas imponentes, a sua bela estátua equestre, o seu majestoso Arco do Triunfo e o seu simbólico Cais das Colunas, e, da banda da terra, já a serpentear em boa parte por entre hortas e hortejos, eis a silhueta típica e de certo modo grandiosa do Aqueduto das Águas Livres, obra-prima de um Rei que a História começa a reabilitar e que é, nos seus arcos maiores, que galgam sobre Campolide e Campo de Ourique como num vôo majestoso, um dos aspectos mais característicos desta Lisboa magnífica; e, finalmente, muito ao longe, para os lados dos «salórios», no alto de uma colina que há bem poucos anos era apenas arrabalde cidadão, ergue-se majestoso e imponente, bem destacado no horizonte e vendo-se em toda a cidade e mesmo de muitos quilómetros fora dela, como um símbolo magnífico da época de ressurgimento nacional que há-de ficar na História para sempre ligada ao nome de Salazar, — o edifício enorme, grandioso, do novo Hospital Escolar!

A tarde declina de todo e a este miradouro de Montes Claros, que a cidade já elegeu como local predilecto de devaneios vespertinos, começam a afluir passeantes. De auto-carro irei agora, por aquela magnífica auto-estrada que um grande algarvio concebeu e realizou, até à Cruz Quebrada, para ali tomar transporte que me leve a casa; passei pelo Estádio Nacional — aquele que Salazar um dia prometeu aos desportistas portugueses, e lhes deu, fiel à sua promessa, de rara imponência e maravilhoso estilo; subirei o vale do Jamor, entre paisagens encantadoras, por estradas que não têm rival em toda a Europa; tocarei na pitoresca aldeiazinha que dá pelo nome formoso de Linda-a-Pastora, e irei descer, finalmente, mais longe, junto do belo monumento de D. Maria I, em frente do oitocentista Palácio Real de Queluz — o pequeno, o miniatural, mas encantador Versalhes português... E assim terminará esta digressão impressionista, que uns lazeres inesperados me proporcionaram hoje, por «esta Lisboa...»

A seguir: «PORTUGAL É LINDO...»

Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho

Acaba de ser distribuído por todas as Casas do Povo e dos Pescadores, Sindicatos Nacionais, Centros de Alegria no Trabalho e de Recreio Popular, um questionário que visa por um lado uma mais íntima comunicação com todos os trabalhadores, e por outro lado, o reconhecimento de vocações, de artistas populares que queiram apresentar-se em espectáculos para outros trabalhadores.

Esse questionário deve ser reenviado a F. N. A. T. acompanhado dos nomes de todos aqueles que desejem intervir nesta iniciativa a bem do recreio, da cultura e da arte popular.

Espera-se deste modo interessar um número crescente de trabalhadores de todos os pontos do país e de todas as condições, na missão deste Organismo, missão que é de profundo sentido nacional e popular, tanto melhor cumprida quando mais conseguir integrar-se nas aspirações e no sentido superior da mentalidade e da vida das nossas populações rurais e citadinas, dos operários e dos pescadores, dos caixeiros, dos funcionários, dos artífices e de todos os trabalhadores de Portugal.

Podem inscrever-se na F. N. A. T. para receber lições e orientação artística e tomar parte nos

seus espectáculos, os filiados que sabem:

Cantar: canções da região, canções com acompanhamento de adufe, ferrinhos, pandeiro, feranholas, guitarra, viola, ou de outros instrumentos populares; fados; desgarradas e cantigas no género;

Dançar: bailes locais ou quaisquer outros bailados;

Recitar: poesias; monólogos; fazer imitações;

Tocar: harmónio; guitarra; viola; violão; cavaquinho; rabeca; gaita de foles; clarinete; flauta; pífar; gaita de beços; ou qualquer instrumento típico da região;

Dirigem: uma tuna, orquestra típica; grupo coral; grupo cénico; grupo de danças populares.

Lotaria do Natal

O Cauteleiro mais feliz do da Sorte e que mais prémios tem vendido, já tem jogo para a grande Lotaria do Natal e faz as melhores condições.

Bilhetes para a Lotaria do Natal 2.000.000, vigéssimos a 100.000 e cautelas a 20.000 preço de Lisboa, só o PEREIRA—Tavira.

Uma Carta Observatórios ALGARVIOS

Sr. Director e Muito Prezado Camarada de Imprensa:

Por um feliz acaso, chegou às minhas mãos um exemplar do interessante periódico que V. dirige e tão sugestivamente se intitula «Povo Algarvio».

Tomei assim conhecimento da existência de um Semanário que, quer pelo esplêndido aspecto gráfico que apresenta, quer pela qualidade de colaboração nele inserta, muito honra a Imprensa deste País e a do Algarve, particularmente.

Permita-me V. que lhe apresente desde já os meus parabéns e formule os mais sinceros votos de prosperidade para o «Povo Algarvio», cuja leitura, me deixou, repito, agradavelmente surpreendido.

Lançado há anos, ainda muito jovem, nesta lide simultaneamente sedutora e ingrata que é a vida da Imprensa, Vida feita de labuta constante, inquietação permanente e dificuldades sem conta, raros serão os que, como eu, podem avaliar com justiça o esforço despendido para criar e manter durante dezassete anos consecutivos um órgão de informação de carácter regionalista, como é «Povo Algarvio».

E' do conhecimento geral a existência da grave crise económica que afecta o Mundo e, infelizmente, atinge Portugal, reflectindo-se no sector da Imprensa, e naturalmente na da Província, que atravessa agora uma época crítica.

Contudo, há meia dúzia de excepções e, convém notar, são as constituídas por aqueles que têm como lema «olhar os fins sem atender aos meios».

De facto, esses prosperam e, commodamente, vivem da Imprensa, sem no entanto viverem por ela. Oportunistas, interesseiros, sem escrúpulos, enfim, chamem-lhe o que quiserem, o que é certo é que existem, são bem conhecidos e não têm «habitat» próprio. Encontram-se no Algarve ou no Alentejo, na Beira ou em Trás-os-Montes, em Portugal, nas Províncias Ultramarinas, no Estrangeiro, enfim, por todo esse Mundo de Cristo...

Talvez por incompreensão das realidades pertencem ao número daqueles que olham a Imprensa, não somente como fonte de lucros, mas também, e muito em particular, como factor do progresso dos Povos, como difusora de Cultura e Civilização, de uma importância inegável.

E' dentro desta ordem de ideias que tenho o prazer de me colocar, incondicionalmente, ao dispor do Jornal que V. orienta, sem encargos de qualquer espécie para o mesmo.

Crendo na aceitação da minha modesta oferta de colaboração, com os meus cumprimentos, tenho o prazer de me subscrever,

Colega Atento

Carlos Cannas Mendes

(Redactor-Chefe de «Aurora Africana»)

Efemérides Portuguesas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

As trovas de Bandarra, apesar de proibidas pela Inquisição, e incluídas no *Catálogo dos Livros proibidos no Ano de 1581*, cada dia ganhavam maior popularidade, embora só corresse manuscritas. Viram pela primeira vez a luz da Imprensa, em 1603, por diligência do seu primeiro comentador, D. João de Castro. Novas edições, tanto no País como no estrangeiro, se iam produzindo e também sofrendo as perseguições do Santo Ofício. A proibição deu como sempre, nova aura ao livro e as cópias multiplicaram-se nas mãos de sebastianistas, elevando a obra do profeta de Trancoso à altura do Livro Sagrado da Fé no Encoberto.

Depois da morte de D. João IV, o padre António Vieira, que tinha sustentado ser este monarca o Messias, anunciado pelo sapa-teiro, escreveu um opúsculo intitulado: *Esperanças de Portugal; Quinto Império do Mundo; Aos*

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

nante, e de uma já razoável afirmação de progresso.

Os grandes e luxuosos carrouseis, os circos, os parques de endiabrados automóveis, accionados a electricidade, os alto-falantes, onde ronfentas ou bonitas vozes femininas alardeiam suas propagandas e fazem espirituosos incitamentos; *stands*, exposições, «comes e bebes»; todo este conjunto de atracções já denota um colorido *rosário de contas* que se desfia agradavelmente a todas as vontades ou interesses.

Mas, se nestes sectores existe já alguma disposição onde a tradicional feira evoluiu, contudo, não se pode olhar indiferentemente ao sector onde actua a mesma indisciplina e desarmoniosa posição de sempre: a chamada zona dos peros de Monchique.

A entrada da feira — quem vai do centro da cidade — fica atrofiada. O histórico Arco do Repouso perde o seu eterno *descanso* para dar a vez à confusão e aos empurrões. O visitante, o turista, o forasteiro, enleia-se nos apertados tecidos ou orifícios dessa impetuosa rede de arrasto e fica, como é compreensível, insatisfeito, mal disposto. A amálgama de pesadíssimos e grandes cachotes, caixotecos e caixotinhos; a desigualdade revoltante de várias *stands* e exposições dos tradicionais e afamados peros; as portas das habitações bloqueadas; ruas de acesso à feira inacessíveis ao trânsito; os toscos e primitivos pavios a azeite, alumando os lugares de venda; os vendedores enrolados em sujas mantas, numa promiscuidade a lembrar tempos e costumes primitivos; os berros de uns, as ofertas de outros; os pedintes implorando esmolas, numa exibição vergonhosa de farrapos e chagas; é, positivamente, uma faceta da feira de Santa Iria nada condizente com a categoria da cidade, capital de uma província de encantos e belezas. Mas...

Segue indiferente a todas as observações ou opiniões descabidas e sem importância o barulho da intensa e movimentada vida da feira. Eu tomo novo rumo. E, quando deixo o Largo de S. Francisco, aos meus ouvidos ecoam como pesadas marteladas os entusiasmos fervorosos de um pregoeiro que faz a sua arenga de vendas de cortes de fatos, lançando no vácuo a uma multidão que o escuta embevesidamente: «...quem dá mais? 260, 270 escudos, quem dá mais? Isto é afiançado, não há «superior». Pois quem «dever» que este pano, esta rica fazenda não presta, «mintem» com todos os dentes que «pussodem» na boca.»

«Mintem!»... «mintem!»... E em cada passo que vou dando, meus tímpanos repercutem essa tecla, até que, na senda de novas atenções, ela se dilui, se extingue. E dirijo-me ao novo Liceu, lá em cima, no Alto, onde a nossa língua é falada com perfeição, é mais portuguesa, é mais educativa — e é dessa educação que eu muito necessito para me lavar o espírito da *nódoa* que lhe fizera o vendedor de fatos baratos.

Barreiro, 11 de Novembro de 1950. Pedro de Freitas

Farmácia de Serviço—Encontra-se de serviço urgente durante a corrente semana a Farmácia Abóim.

verdadeiros portugueses, devotos do Encoberto, em várias trovas escritas por Gonçalo Anes Bandarra, dirigido ao Bispo do Japão, André Fernandes e datado do Rio las Amazonas a 29 de Abril de 1659. Muitos anos depois o Padre António Velho Barbosa apareceu também com uma engenhosa aplicação das trovas a factos cumpridos até D. Pedro IV. Bandarra supõe-se que faleceu a 23 de Outubro de 1541.

O VERBO CANTAR

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

outra, uma parte do seu individualismo, o seu limite; sentimentos diferentes, mas não sabemos onde acaba uma e onde começa a outra,

A palavra falada, a palavra cantada. No canto há mais amor entre as palavras. Elas socializam mais, fraternizam mais. O grito inarticulado é a primeira lingua do animal. A palavra articulada é música entre as sílabas. Há palavras mais amorosas e menos amorosas. O verso é mais belo do que a prosa, porque estabelece entre as palavras uma amizade mais estreita. Um verso errado é um delito.

Os gemidos e os ais são harmonicos. Tanto mais harmonicos quanto mais intensa e amorosa a dor profunda que os produz. Esses ais são o espectro sonoro do sofrimento, como as cores são o espectro da luz.

A luz é música. O prisma é um instrumento de música. Faz da luz uma orquestra, um hino de cores. O prisma revela a música dos átomos.

Há linhas e cores que fazem cantar, porque são já música sem voz. O canto tradu-las apenas, dá-lhes lingua.

A desarmonia é um pecado. Ou antes, a desarmonia é o pecado.

O cristal é o canto lírico dos átomos. O carbono cristaliza de três formas, canta de três maneiras. O diamante é o seu hino mais puro.

Não há dois cristais de neve que sejam idênticos; em cada floco de neve há milhões de cristais, milhões de estrofes silenciosas: nevar é água a cantar.

A flor é o canto da raiz. As plantas cantam na primavera. Os campos em Abril rezam os seus poemas.

O éter não ouve, não é amigo do som. O som nasceu muito depois do éter. Os gases conduzem mal o som. Os líquidos conduzem-no quatro vezes melhor e os corpos sólidos doze vezes melhor. Porquê? Porque o gaz é mais egoísta do que o liquido, e o liquido mais egoísta do que o sólido.

Os metais que não vibram, os metais mudos, são os metais moles, estanho, chumbo, mercúrio, cujas moléculas têm entre si menos coesão, menos amizade. Pelo contrário, os metais mais sonoros são os metais mais amorosos, os metais mais rígidos, cujas moléculas se apertam e unem por um amor mais íntimo. O estado mais amoroso num metal é o mais rígido, o estado cristalino. Por isso os metais mais vibrantes e de melhor timbre são o ouro, a prata, por exemplo, isto é, os metais que cristalizam naturalmente.

Um carro de madeira em achas vale meia libra. Um quilo de madeira num violino chega a pagar-se por muitos quilos de ouro. Um violino maravilhoso, um Stradivarius, é uma acção esplêndida. E faze-lo gemer e chorar divinamente é uma acção de bem-aventurado. Que há num violino? Madeira seca e tripas mortas. Com o cadáver do plátano e os intestinos do porco, criar uma voz que extasia os anjos! Uma bela harpa, suspirando, evangeliza. E' um sermão. O inventor do órgão deveria ser canonizado. O órgão é a voz profunda da catedral.

Toda a juventude e graça da natureza, em manhã de glória, cantam na voz da cotovia. Milagre da música! Todo o deslumbramento do universo no cândido gorjeio de um passarinho!

Os cegos têm um ouvido prodigioso e adoram a música. Os mendigos cegos pedem esmola, cantando. Acumulam no ouvido o poder amoroso que se reparte pelos olhos. Por isso cantam continuamente.

A canção é a flor dos lábios. As bocas dos civilizados bestiais comem, devoram, mentem, blasfemam, escarnecem, mas não cantam. Os ricos, geralmente,

não cantam. Ouvem cantar á noite, para auxiliar a digestão. O jornaleiro lavrando e ceifando, canta. O burguês, atarefado com negócios, calcula, questiona, grita, roga pragas. Os banqueiros, que se nutrem de ouro, têm a alma de chumbo. Os mendigos cegos, que vivem de esmolas, têm harpas no coração.

Os hinos nacionais. As *marchas guerreiras.* Os homens, cantando, caminham impávidos para a morte. A marsehesa é heroísmo sonoro, é vitória em música. Só o povo canta as canções que choram e fazem chorar, porque trabalha e sofre com resignação e com amor.

O criminoso que canta, arrependido, vale mais que o juiz que lhe deu a sentença. O povo, mesmo nas cadeias, canta. Nos tribunais invectiva-se.

O povo é o maior poeta. O cancionero popular é uma biblia em música.

Na casa onde se não canta, berra-se. O ouvido sem canções é um ouvido ás escuras.

Certas estrofes sublimes, passando continuamente por certas bocas, divinizam-se. O beijo da boca que cantá é um beijo celeste, que sabe a música.

O homem que canta! Este verbo cantar é sagrado, como o verbo florir ou o verbo resplandecer. Os ritmos silentes do universo traduzem-se pelo som nos ritmos do canto. Cantar é divinizar o som. A vida inteira é harmonia inteira. Quer os glóbulos do sangue, quer os glóbulos astrais movem-se por música. Um sol é um órgão e a luz uma sinfonia esplendorosa. O prisma decompõe na, a óptica descreve-a, mas defini-la só o canto. O canto, matemática viva, eis o revelador da natureza, a lingua suprema do universo.

O cantor! Que nome ideal para um destino! Ser o cantor, ser a voz da água e do vento, da rocha e da floresta, dos homens e dos átomos! Cantar o riso, o beijo, o olhar, a dor, a lágrima! Cantar o sangue impetuoso, as seivas genésicas, os fluidos radiantes, as marés vitais, as electricidades criadoras!

Cantar as formas e as essências, números que dizem ideias, linhas que desenham espiritos! Cantar a marcha heroica e resplandecente do lodo para o verme, do verme para o tigre, do tigre para o homem, do homem para o anjo, dos anjos para Deus! Cantar o Gólgota do Ser, a Paixão do Viver, a cruz eterna e formidável que a natureza leva aos ombros! Cantar, enfim, o amor e a dor, o drama religioso do universo. E o drama do universo cantá-lo ao universo inteiro, desde a cinza da urze ao pó dos astros infinitos. Ser o Cantador! Não ter outro nome. Quem é? O Cantador. Quem te criou? A vida imortal. Onde nasceste, onde moras? Na vida imortal. Que fazes? Sou o Cantador, canto a vida imortal. E o último suspiro mandá-lo à vida imortal, no seu último canto!

A canção eleva-se em oração, e a alma liberta, na asa do amor, ergue-se a Deus, perde-se em Deus.

Grande parte da misantropia de Byron lhe veio de uma falta musical, de uma perna sem música. Coxeava, isto é, caminhava no globo desharmonicamente, negando a música. Daí a tortura e o sofrimento para o seu génio musical.

Byron arrastou durante a vida, como grilheta de condenado, uma perna manca, um verso coxo, a que faltavam sílabas.

Quem canta toda a vida traduz a vida em harmonia, angeliza a vida. S. Francisco de Assis morreu a cantar.

Cantar é amar. O cântico religioso é a oração perfeita. A lingua dos anjos é música espiritual. A síntese do universo, o cântico absoluto, Amor! E' Deus.

Guerra Junqueiro

(De «O Reformador», antiga revista brasileira).

Grémios dos Industriais de Panificação

Com a presença dos srs. Delegados do I. N. P. junto dos Grémios de Panificação, tiveram lugar em Lisboa nos passados dias 9 e 10, várias reuniões dos Presidentes das Direcções dos mesmos Organismos, com o fim de serem tratados e postos à consideração superior alguns problemas fundamentais para a vida da Indústria de Panificação. De entre os problemas abordados, figuraram os da concentração de padarias e encerramento das consideradas economicamente desnecessárias ao abastecimento público, revisão de penalidades, liberdade de escolha de fábrica fornecedora de farinhas e proibição da venda de pão em estabelecimentos mistos e em mercados e feiras por não industriais:

Ao fim da tarde do dia 10, os Presidentes dos G. I. P. foram recebidos por Suas Excelências os Ministros da Economia e Subsecretários de Estado do Comércio e Indústria e Agricultura, a quem expuzeram as conclusões daquelas reuniões e de quem solicitaram o patrocínio para se obterem a grave crise que a indústria atravessa, através da revisão da desactualizada legislação em vigor.

Os srs. Dr. Ulisses Cortês e Engenheiros-Agrónomos Vitória Pires e Jorge Pereira Jardim, com os quais os dirigentes dos Organismos interessados conferenciaram separadamente sobre cada um dos problemas referidos, responderam que as pretensões expostas, algumas já em estudo e outras agora tomadas na devida consideração, seriam oportunamente resolvidas de acordo com os superiores interesses do País.

Por esse Mundo fora...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Por 466 votos contra 98, a Assembleia Nacional francesa decidiu recentemente sobre um projecto para libertação do antigo marechal Petain, de 94 anos. O projecto fóra apresentado por um deputado degaulista e nele afirmava-se que se tratava de uma medida de clemência e de decóro nacional.

Desde o início do Ano Santo, véspera do Natal findo, visitaram Roma três milhões de peregrinos, tendo sido o maior número de italianos. Recentemente, têm sido recebidos no Vaticano muitos milhares de pedidos de bilhetes para a cerimónia do encerramento do Ano Santo, que se efectuará na véspera do próximo Natal e durante a qual Sua Santidade colocará de novo a Porta Santa na Basílica de S. Pedro.

Por 44 votos contra 5, foi aprovada a proposta de admissão da Espanha na Organização Alimentar e Agrícola das Nações Unidas. A proposta foi feita de Portugal e o delegado espanhol afirmou que o seu País contribuirá com todos os meios ao seu dispor para a realização dos objectivos em vista e lembrar que a F. A. O. é a sucessora do I. I. A. R. a que a Espanha pertenceu durante 26 anos.

A Academia Suéca conferiu os prémios Nobel de Literatura, relativos a 1949 e 1950, respectivamente a William Faulkner, escritor americano e a Bertrand Russell, filósofo britânico; e os de Química e Física, a Otto Diels e Kurt Alder, cientistas alemães, e a Cecil Powel, professor inglês, respectivamente. Os prémios são valiosos (cerca de mil contos na nossa moeda).

IMPARCIAL

Cimento Armado

Fazem-se orçamentos gratis para cimento armado e todas as obras da construção civil.

Trata João Alegre, mestre de obras, na Santa Casa da Misericórdia de Tavira.

CONSELHO MUNICIPAL DE TAVIRA CONVOCAÇÃO

Nos termos do § 1.º do art.º 28.º do Código Administrativo, convoco os vogais que não-de constituir o novo Conselho Municipal para o quadriénio de 1951/1954, a reunirem-se na sala das reuniões da Câmara Municipal, no próximo dia 25 do corrente, pelas 15 horas, afim de se verificar os seus poderes, eleição dos secretários e da Câmara Municipal.

Tavira, em 15 de Novembro de 1950.

O Presidente da Câmara Municipal,

Jorge Ribeiro
Cap.

EDITAL IMPOSTOS INDIRECTOS

JORGE FILIPE COELHO RIBEIRO, Capitão de Cavalaria e Presidente da Câmara Municipal do concelho de TAVIRA:

FAZ SABER que tendo sido determinado superiormente que as propostas de avença de impostos indirectos, caducam no fim de cada ano, devem os contribuintes que mantêm avença trimestral com a Câmara Municipal, relativamente a impostos indirectos, entregar nova proposta, até 15 de Dezembro próximo futuro, para vigorar no ano de 1951, as quais são escritas em papel selado.

A falta de apresentação da proposta origina que o contribuinte tenha que pagar em Janeiro, o imposto indirecto, por manifesto da existência de todos os artigos que tenha expostos à venda ou em armazém.

Para constar se publica o presente e outros de igual teor que vão ter a devida publicidade.

Tavira, 15 de Novembro de 1950.

O Presidente da Câmara Municipal,

Jorge Ribeiro

J. A. Pacheco TAVIRA

Fábricas de moagem de
Farinha espoada e ramas

PANIFICAÇÃO MECANICA

Uma maquinaria completa aliada
a um esculpulo fabrico fazem
com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

Tenham a consagração do
público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

PRÉDIOS

Vendem-se os seguintes:

Rua Dr. Miguel Bombarda
n.º 39 e 41 r/c e 1.º andar,
Avenida Dr. Mateus Teixeira
d'Azevedo n.º 28 (armazém),
Travessa Dr. Miguel Bombarda
n.º 9 r/c e Travessa Dr. Miguel
Bombarda n.º 11 r/c.

Tratar com Evaristo Vasconcelos — Portimão.

Júlio Sancho

Médico-Radiologista

ROENTGENDIAGNÓSTICO
TOMOGRAFIA
ELÉCTROTHERAPIA

Mudou o consultório para a

Rua Castilho, 37

TELEFONE 368 FARO

JOP

JOPINHAL

Vinhos de mesa

CAFE OCEANO

Aluga-se ou vende-se o prédio onde está instalado o «Café Oceano», em Santa Luzia. Optimo negócio.

Tratar com José de Mendonça Meixinha — aos domingos e quintas feiras das 12 às 16 horas, no referido local.

O Problema do LEITE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

das Câmaras Municipais dos concelhos de Loulé, Alportel e Faro.

O referido leiteiro sai de manhã muito cedo de Loulé em camioneta descoberta, conduzindo as vazilhas com leite, sem este ser analisado no «Posto de Análise», começando a vendê-lo logo à saída da vila até à entrada de S. Brás de Alportel, onde é então analisado, para ser vendido nesta povoação e nalguns dos seus arredores.

O término da estrada pertencente a Loulé é no Morgado de Apra, que tem uma extensão de 7.000 metros e é bastante povoada; e o resto, que pertence a S. Brás de Alportel, tem 5.200 metros e ainda é mais povoada. O leite, além de não ser analisado, é vendido em cima da camioneta sem as quaisquer condições de higiene, sujeito ao pó lixoso da estrada, à chuva e ainda à cinza do habitual cigarro do leiteiro, que também não usa casaco de pano branco, como é da lei.

Para Santa Bárbara de Nexe, que pertence ao concelho de Faro, onde o leite é vendido pela «Cooperativa Agrícola dos Produtores», o Manuel Pires conduz o seu produto em bicicleta nas mesmas condições da camioneta, mas nesta ainda são piores, por servir também para conduzir artigos que a sujaram quando a faina da venda do leite termina. De Loulé a Santa Bárbara, são aproximadamente 7.000 metros de estrada, não contando com a estrada para o populoso sítio dos Gorjões aonde este leiteiro chega.

Todas estas anomalias brigam com as leis que justamente foram feitas para defesa da saúde pública. Mas a maioria dos leiteiros que actuam nas estradas e nos arredores das cidades e vilas, como Manuel Pires e outros o fazem, não cumprem a lei, para o que chamamos a atenção das autoridades respectivas, para meterem na ordem estes preparadores, pois que a sua criminosa acção concorre para o desenvolvimento e propagação de doenças graves.

E então, cónscios de termos prestado um serviço útil à Sociedade, por intermédio do «Povo Algarvio», no cumprimento do nosso dever jornalístico, ficamos aguardando que sejam dadas providências enérgicas para acabar com tais abusos.

A seguir: Cadela ou cessação do negócio

Manuel Francisco Contreiras Júnior

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira

Esta obra monumental tem já em distribuição o fascículo n.º 259 que, sem favor, se pode considerar excepcional.

O seu sumário está ornado por copiosíssima e muito bela documentação gráfica, especialmente os exaustivos trabalhos sobre *Porcelana*, devidos aos críticos Armando de Lucena e João de Sousa Fonseca, e *Portalegre*, bela realização do erudito alentejano Angelo Alberto Monteiro.

E duas belas estampas de arte em seperado são distribuídas ainda com o belo fascículo que contém colaboração inédita dos Eng.º Frederico Oom, Cardoso Júnior, Eng.º Almeida Fernandes, Machado de Faria, Dr. Pedro Godinho, Dr. João de Melo, Padre Miguel de Oliveira, Dr. Máximo Lopes de Carvalho, Prof. Peres de Carvalho, Prof. Baeta Neves, Dr. Lyster Franco, Prof. Torre de Assunção, Prof. João de Vasconcelos Coronel Ribeiro de Almeida, Eduardo Moreira, Mimoso Serra, Dr. Celestino Gomes, Augusto Casimiro, Dr. António Sérgio, Dr. Sousa Leite, Dr. Travassos Valdez, etc., etc.

Outros artigos notáveis, além dos citados são os que se referem a: porção, porcionista, porciúncula, porco, prisma, porta, porta-aviões, portada, portagem, portal, porta-paz, porte, Portel, portela, etc.

Com a publicação deste fascículo ficou muito adiantado o XXII volume da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira.

Este simples facto demonstra a extensão desta obra, a única no seu género que se publica em língua portuguesa e uma das poucas que se publicam em todo o Mundo.

A Editorial Enciclopédia, Lda., com sede na Rua António Maria Cardoso, 33, Lisboa, no intuito de divulgar esta obra grandiosa por todas as classes, mantém o seu sistema de pagamentos suaves, apesar das dificuldades presentes.

Deste modo, o comprador terá em seu poder toda a obra já completa, em 21 volumes encadernados, logo que efectue o pagamento da 1.ª prestação.

Aparelho de Bateria

Vende-se, em estado novo, por motivo de mudança.

Nesta Redacção se informa.

GARAGE

Arrenda-se.

Largo da Nora, n.º 5.

Tratar com Alfredo Cordeiro — Tavira.

Já V. Ex.ªs provaram o vinho da marca
NAMORADO?

Não esqueçam de o fazer, certamente
passará a ser o Vosso vinho preferido.

DELICIOSO EM AROMA E PALADAR

Sempre o mesmo tipo e a mesma qualidade de vinho em Branco, Tinto e Abafado.

“NAMORADO”

é a marca registada da firma J. A. Pacheco de Olhão — Avenida da República, 202.

A' VENDA EM TODOS OS SEUS DEPOSITOS

VALENTIM LOPES ALFAIATE-DIPLOMADO

SECÇÕES DE:

L ANIFICIOS
C AMISARIA
G RAVATARIA
A LGODÕES
S E D A S

Os mais lindos padrões aos melhores preços

CARIMBOS

Em borracha, fabricam-se com a máxima perfeição na «Tipografia Povo Algarvio»

IMPRESSOS

Executam-se de todas as espécies, em tipos modernos.

Participações, cartões de visita,
trabalhos comerciais, etc. etc..

Empresa de Publicidade Algarve, L.ª
Rua Dr. Parreira, Telefone N.º 127-TAVIRA

RELÓGIOS

A aquisição de relógio que não seja de
marca garantida, o prejuizo é total!

Das seguintes marcas, toma-se inteira responsabilidade, não só na qualidade como no preço, quer tabelado quer não, o que casa alguma pode competir devido aos habituais descontos sobre as condições de compra:

Internacional Watch, Omega, Tissot, Zenith,
Cortebert, Amyria, Sergines, Aureos, Cyma, Zoly,
Sorel, Zinal, Record, Titus, Longines, Watez,
Viergines, Titan, Douglas, Argus, Dogma.

OURIVESARIA MANSINHO - Tavira